O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 35.º — N.º 1761
Sábado, 5 de Dezembro de 1942
VISADO PELA CENSURA

ESTUDOS REGIONAIS

História da terra aveirense

O artigo, já composto, do nosso distinto colaborador, dr. Alberto Souto, fica hoje de fora por absoluta falta de espaço.

Dr. António Lúcio Vidal

Atingido, em Vagos, pela aza negra da Morte, deixou o seio da terra onde nascera e conquistara, pelo seu carácter, as maiores dedicações, o talentoso advogado e notário, com prestígio em todo o concelho e sólidas amizades fora dêle

O funeral foi dos mais impressionantes e comovedores que se têm realizado naquela vila, pois atravessou as ruas entre copiosas lágrimas de saùdade pelo ilustre extinto

Principiamos com as palavras de despedida que à beira da campa do dr. Lúcio Vidal o director dêste semanário tencionava proferir se a comoção não lhe embargasse a voz e os seus nervos se acomodassem perante a brutalidade do Destino:

«Gente de Vagos: é para vós que dirijo, nesta hora grave, de dura provação e das mais dolorosas para a minha sinceridade de amigo, os meus sentimentos! . . . .

É que a morte repentina do dr. Lúcio Vidal a todos abalou, sacudiu como se se tratasse dum choque eléctrico, mas principalmente o concelho de que era hoje a figura principal, sofreu, com ela, um rude golpe.

António Lúcio Vidal deixou o mundo aos 50 anos, no domingo de manhã. Aparentemente robusto, a-pesar-dos seus sofrimentos reumáticos, uma angina pectoris fulminou-o em curtos instantes com surpreza da família e de quantos acudiram à sua aflição. Ninguem lhe poude valer. E a notícia correu célere, transmitiu-se, tomou vulto, espalhou-se com a velocidade do relâmpago. E aonde chegou fez estremecer, provocando um côro de lamentações pelo inesperado acontecimento. Cerraram-se as portas dos estabelecimentos comerciais da vila, na casa da Câmara apareceu a bandeira a meia adriça e tôda a gente vestiu luto. Porquê? Porque o dr. Lúcio Vidal, possuïdor duma grande inteligência e de vasta cultura, pôs ambas as coisas ao serviço do Bem e a fazer bem passou a vida, conquistando simpatias, amizades, dedicações sem conta. Republicano, nunca escondeu as suas idéas, batendo-se por elas na imprensa e na praça pública. Como tal chefiou o nosso distrito, esteve nomeado secretário do Govêrno de Angola, cargo que recusou, e fez parte da Junta Geral, após o 28 de Maio, com os drs. Pompeu Cardoso e Hernani Miranda, assinalando a sua passagem nêsse corpo administrativo com um acto de moralidade que bastante o nobilitou e aos colegas acima referidos.

A mocidade de Lúcio Vidal foi, também, como a nossa, de formidável irrequietismo. Em Coimbra, a quando estudante da Universidade, chegou, mesmo, a ser turbulento. De forte compleição, teve por companheiros alguns escolares brigões, que punham, de vez em quando, a cidade em estado de sítio. Modificara-se, porém, e na vida prática não ascendeu a elevados postos porque não quiz, preferindo viver modestamente na sua terra como notário, a advogar e a exercer o cargo de sub-delegado do Procurador da República do Julgado Municipal. Ao seu coração diamantino, à generosidade da sua alma, aos seus sentimentos humanitários e ao seu espírito conciliador fica o povo do concelho devendo tanto que há-de ser difícil esquecer o seu melhor conselheiro e amigo.

NA CÂMARA ARDENTE

O cadáver do dr. Lúcio foi transportado, pouco antes da meia noite de domingo, para o salão dos Paços do Concelho onde recentemente se inaugurou a Biblioteca de João Grave. Sôbre um tapete carmezim e a pouca altura, rodeado de plantas, erguia-se o catafalso, levemente inclinado, de tal forma que a figura hercúlea do querido morto, implacável na sua sobrecasaca, se mostrava tôda aos olhos do visitante.

O seu rosto tinha uma expressão serena, mas enérgica. A dominar, avultando dos panos de damasco que lhe serviam de fundo, um riquíssimo crucifix› de ébano e prata. Em volta, algumas luzes que mal quebravam a penumbra.

No ambiente um silêncio profundo, só cortado pelas expressões de dôr de quem entrava.

A' cabeceira da urna, uma vèlhinha, de aspecto humilde, falava em termos carinhosos como se se dirigisse a uma criança. Era a sua ama!

Via-se, observava-se em todo aquêle conjunto uma sóbria distinção. A' primeira vista, porém, um contraste impressionava: quem quer que procedera àquêle arranjo fúnebre conhecia bem a maneira de ser do dr. Lúcio—a urna que encerrava os seus restos mortais era quási pobre. Sem uma flôr, sem um ornamento. Se êle falasse teria dito que estava bem. Mas em volta, a ternura dos que ficaram, manifestava-se a seu modo, mesmo com seus laivos de religiosidade, no Cristo que ali velava. E assim, se o pranteado morto falasse, talvez dissesse ainda que tudo estava a seu contento... Porque o dr. Lúcio era, acima de tudo, um espírito transigente, tolerante. Não dispensava maior amor aos familiares que comungavam nos seus ideais do que aos outros que fôssem profundamente religiosos. Nem era mais amigo do correligionário, só porque êste o era, do que dos seus adversários políticos que lhe merecessem amizade. Respeitador quási fanático das convicções alheias, exigia, todavia, que lhe respeitassem as suas. E porque era nobre, a todos falava, a todos estimava de igual modo. Inclusivamente, a todos que carecessem do seu amparo socorria, sem qualquer distinção, como provou, lembrando-se dos que miseravam no destêrro onde a política os levara. E sendo assim, não lhes faltou nem com o seu encorajamento, nem com o seu dinheiro, chegando, até— contaram-nos — a arvorar-se em defensor dos sacerdotes das freguesias de Vagos sempre que as críticas injustas ou as iras injustificadas do povo contra êles se voltava. Um exemplo mais frisante: quando Governador Civil os adversários do regímen procuravam refúgio no distrito que êle chefiava, pois sabiam, tinham a certeza, de que o dr. Lúcio seria o seu melhor escudo contra os perseguidores.

Desde a hora atrás indicada até às 8 da manhã velaram o cadáver, além dos bombeiros da vila, muitas outras pessoas, contando-se por milhares aquelas que ali foram atestar com a sua presença o alto respeito que o defunto lhes merecia.

Esta eloqüente manifestação de pesar só vista como nós a observámos —prescrutando a sinceridade dos que lhe deram vulto.

Dr. Lúcio Vidal

O ENTÊRRO DO SAUDOSO EXTINTO, REALIZADO CIVILMENTE, ATINGIU A GRANDIOSIDADE DUMA AUTÊNTICA CONSAGRAÇÃO

Na segunda-feira, depois das 16 horas, teve lugar o saimento fúnebre para o cemitério. A urna é conduzida por alguns íntimos do dr. Lúcio, entre os quais o director dêste jornal, para o auto dos Bombeiros Voluntarios, que a transporta. Cobre-a a bandeira verde-rubra da República. Neste momento, os clamores do povo, aglomerado, numa massa compacta, no largo e rua fronteira à Casa da Câmara, irrompem em unisono, expontâneos, envoltos em copiosas lágrimas:

—Morreu um santo!

—Morreu o pai dos pobres!

O cortejo põe-se em marcha. Vê-se gente ajoelhada, de mãos erguidas, trémula pela dôr que a compunge. O sr. Governador Civil é o portador da chave. Segue-o a multidão. Milhares, muitos milhares de pessoas. São organizados os seguintes turnos:

1.º

Vice-Presidente da Câmara Municipal de Vagos, 1.º Vogal da Câmara Municipal de Vagos, Presidente da Junta de Freguesia de Vagos, Presidente da Junta de Freguesia de Soza, Regedor da Freguesia de Vagos e Regedor da Freguesia de Soza.

2.º

Desembargador Melo Freitas, Dr. juiz Agostinho Fontes, Dr. juiz Perestrelo Botelheiro, Chefe da Secretaria Judicial de Aveiro, Chefe da Secção Judicial de Aveiro e Chefe da Secretaria Judicial do Julgado de Vagos.

3.º

Notário dr. Tavares da Silveira, notário dr. Simão Leal, notário dr. Inocêncio Rangel, notário dr. Assis Teixeira, dr. Adolfo de Almeida Ribeiro e dr. António Simões de Pinho.

4.º

Médicos: dr. João Marcelino Dias Pereira, dr. José Rito, dr. José Santos, dr. Vaz Craveiro, dr. Augusto Bilelo e dr. Manuel Estrêla.

5.º

Advogados: dr. Jaime Silva, dr. Alberto Souto, dr. Manuel das Neves, dr. José Cristo, dr. Victor Gomes e dr. Carlos Pericão de Almeida.

6.º

Secretário de Finanças de Vagos, tesoureiro de Finanças de Vagos, delegado Escolar de Vagos, Comandante dos Bombeiros Voluntários de Vagos, Chefe da Banda Vaguense e Presidente do Centro de Educação e Recreio de Vagos.

7.º

Dr. Manuel Marques Damas, dr. Assis Ferreira da Maia, Eng.º Almeida Graça, dr. Pompeu Cardoso, prof. Silva Rocha e Denis Gomes.

8.º

Dr. Fernandes Martins, dr. Angelo de Almeida Ribeiro, dr. Frederico de Moura, dr. David Cristo, dr. José Gamelas e Domingos Beja da Silva.

9.º

Venceslau de Oliveira Pinto, Arnaldo Ribeiro, Maia Alcoforado, Delegado do Hospital de Ilhavo, prof. Oscar Moreira da Silva e Paulo Gaspar Freitas.

10.º

Duarte Vidal, dr. António Carlos Vidal de Almeida Ribeiro, António Duarte da Rocha Vidal, Humberto Maria Neves, prof. Ernesto de Almeida Neves e José Ferreira Vidal.

No cemitério — Discursos

Estavamos no declínio da tarde. O Sol, cujo brilho se havia ofuscado, ia a caminho do ocaso. Agora são os bombeiros, êsses heróicos *soldados do fogo*, que conduzem a urna e a colocam sôbre uma mesa de pedra, na rua principal. Vão dizer da sua justiça os vivos, sendo o primeiro a falar o antigo republicano, companheiro de Lúcio Vidal e nosso brilhante colaborador

Dr. Alberto Souto

que assim se exprime:

«Quizera, meus senhores, proferir à beira da campa de António Lúcio Vidal, um elogio condigno. Circunstâncias várias se opõem, entre elas, principalmente, as condições precárias da minha saúde.

Mas o que eu não queria, podendo fazê-lo, era deixar de dizer a êste amigo que foi alguem de valor, de merecimento e de prestígio entre os da sua geração, o adeus da minha amizade.

Não queria eu, não, que se sumisse na treva infinita êste vulto do nosso convívio, êste vulto da nossa terra, êste vulto de nobre português, sem lhe prestar a homenagem que mereceu na vida e que não seria justo que lhe faltasse na morte.

O adeus da minha amizade, a homenagem da minha admiração, da minha estima e do meu apreço...

Mas não basta! António Lúcio Vidal merece mais que a minha homenagem pessoal, muito mais que palavras ditadas apenas pelo meu afecto, porque os sentimentos íntimos e particulares podem ser respeitáveis mas podem exceder os méritos daquêles a quem em público são dirigidos.

A memória do dr. António Lúcio Vidal é que merece muito mais do que as simples palavras do amigo que eu fui—porque merece a consagração de quantos com êle conviveram e de quantos conheceram as suas qualidades, e merece a consagração da sua terra, rincão e bairro desta cidade de nossos sonhos e afeições que nós desejamos vêr crescer sempre em dignidade e progresso e formosura, que é a região do mar, da ria, do plaino, da ribeira, da colina e da serra que tem o Vouga por eixo e Aveiro por capital.

O extinto ilustre que vamos com carinho e saùdade depositar no ninho da morte, foi um homem de valor no sistema social da nossa região. Correligionário ou adversário, seguido ou combatido, o seu carácter impôs-se a todos, e a solidez da sua alma de soldado de uma causa política, criou e conservou respeito em todos os campos. Bateu-se pela República com armas na mão, bateu-se nas colunas da imprensa, bateu-se nas lutas da política local, mas foi sempre o destemido, o generoso e leal adversário incapaz de um abuso da fôrça ou de um abuso da vitória, incapaz de uma perfídia ou de uma traição, duma perseguição ou de um rancôr.

Nobre espírito de combatente!... Português da velha estirpe dos bravos generosos e dos valentes sem maldade!...

Ele foi, em verdade, generoso e bom em todos os transes, sem deixar de ser hérculeo e duro no combate!

Na hora tôrva e trágica que o mundo atravessa, em que as ideias servem de pretexto, apenas, para as feras se dizerem homens, as qualidades de combatente de António Lúcio são honra e são exemplo de um peito português!

Filho de Vagos, tão aveirense como eu e os melhores filhos da cidade em que estudou e se fez homem, êle foi o paladino imérito dos interesses da sua terra que perdeu um dos seus mais ilustres e valiosos filhos.

Digníssimo profissional do notariado, colega na advocacia, nós, os advogados do distrito, tributamos-lhe inteiro respeito pela competência que

O TEMPO

Virou para o lado da chuva, como era de esperar, visto a estiagem se haver prolongado.

E aí se não fosse assim...

Fogo eterno

Em Chequers Inn, perto de Osmotherley, na Inglaterra, existe uma pousada cujo forno arde há mais de 200 anos — sem interrupção!

A razão dêsse facto é fabricarem-se ali umas tortas especiais e terem os donos do estabelecimento seguido sempre o costume tradicional e caprichoso de, a qualquer hora do dia ou da noite, poderem servir essas tortas, recém-saídas do forno, a todo o freguês que se apresente.

Havia de ser cá!... E o descanso?

teve, pelo aprumo e lealdade que sempre observou.

Governador civil de Aveiro em horas de singular melindre e perturbante dificuldade, êle prestou à região o alto serviço de obter a criação da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro que o dr. António José de Almeida, então amargurado Presidente da República, fez traduzir em decreto devido à acção decisiva e firme do nosso saüdoso amigo.

Tal facto, apenas, bastava para me obrigar a prestar-lhe esta derradeira homenagem, tão importante foi a sua interferência inteligente, devotada e prestigiosa nêsse sentido, no momento sombrio e confuso em que êle soube ser autoridade e magistrado à frente do distrito.

Honra, pois, ao seu nome e à sua memória que não apenas na nossa saüdade de companheiros e amigos têm um lugar de saüdade, mas que têm, também, um imperecível lugar na gratidão do povo que êle serviu com lustre e com enternecimento amou!»

Segue-se outro advogado da comarca, outro aveirense, de idéas opostas às daquêle que para sempre nos ia deixar, o sr.

Dr. Jaime Duarte Silva

«A vida de António Lúcio Vidal, cujo inesperado desfecho, nos trouxe a todos que com êle conviveram, a maior dôr e a maior desolução, é um incentivo e um exemplo para os novos, e para mim, que sou velho, um exemplo fortificante de dignidade e aprumo, de um grande espírito e de um grande coração.

Bondade, inteligência, cultura e carácter, tôdas estas virtudes e predicados existiram nesse amigo que hoje desce à cova.

Os novos têm na sua memória uma conclusão segura: qual é a de que a honra, a coerência, a tenaz e convicta defesa de uma idéa, ou de um princípio, não são coisas vãs e antes servem para estabelecer o que há de belo na vida, quando ela é pundonorosa.

Os velhos, como eu, têm o gôso da admiração ao contemplar um vulto moral, como foi o de António Lúcio, cuja têmpera rígida e forte, bondosa e comovida, perdura e perdurará na memória dos que o conheceram.

António Lúcio foi um preclaro cidadão. De uma modestia nunca igualada, êle poderia ter subido nas honrarias e benesses humanas, e dumas e doutras se afastou sempre, para se dedicar inteira e totalmente à sua terra, aos seus amigos, à sua família e aos princípios que a sua inteligência arvorara em bandeira da sua vida.

Apegado a um ideal, nada o perturbou no respeito e na consagração que o seu espírito lhe dava.

Tolerante, como nenhum, êle, por tal, não criou um inimigo.

Culto, de uma cultura humanista muito notável, António Lúcio, falava e escrevia o belo, lindo e vernáculo português.

Foi um homem.

E porque o foi, a sua memória ficará, entre tantas, sendo amada e admirada por todos.

Vagos, porque não dize-lo? perdeu o seu melhor filho.

Os seus colegas de Aveiro, que me incumbiram de lhe dizer o último adeus, perdem um dos seus melhores amigos e colaboradores.

António Lúcio, beijo-te a face fria num transporte de admiração e de saüdade.»

A terminar, um homenzinho do povo, de quem não conseguimos saber o nome, proferiu, também, a sua modesta alocução:

«Todo o povo de Vagos — disse — homens e mulheres, deve vestir rigoroso luto durante uma semana. Morreu o maior amigo dos pobres! E tão amigo que, como êles, quiz ser modestamente sepultado na terra, a seu lado.»

De facto, o dr. Lúcio, que no cemitério da vila tem jazigo, dizia aos amigos, quando o ensejo se lhe proporcionava:

«Até depois de morrer quero ser livre. Não me embaracem o corpo num caixão de chumbo. Quero que os vermes me levem como ao corpo dos pobres.»

Feita a sua vontade, lá o deixámos todos na cova que lhe abriram e sôbre a qual alguns ramos de flôres ficaram a cobri-la com estas legendas:

Profundo respeito e eterna gratidão dos funcionários da Câmara Municipal de Vagos.

Dos Funcionários de Secção de Finanças e Tesouraria da Fazenda Pública do concelho de Vagos, em testemunho de alto aprêço e eterna saüdade.

Do Centro de Educação e Recreio de Vagos. Ao Dr. Lúcio Vidal, ilustre Vaguense e sócio fundador da Associação, como preito de homenagem e profundo respeito, oferecem os seus associados.

Ao querido padrinho Dr. Lúcio Vidal. Eterna saüdade do afilhado muito amigo, Fernandes Martins (Fred).

Grata recordação de António da Silva Mariano.

Última oferta do povo da Gafanha. O Adeus de saüdade.

Lúcio: a êsse adeus dos humildes, que tanto amaste em vida, juntamos o nosso. Também jàmais te esqueceremos.

* * *

O querido amigo que perdemos, deixa envolta nos crepes da viuvez a sr.ª D. Isolina das Neves Vidal e era pai das sr.as D. Maria Isolina e D. Maria Estefânia Vidal assim como do estudante de Direito na Universidade de Coimbra, Armando Lúcio Vidal, e irmão do sr. Duarte da Rocha Vidal, digno chefe de secretaria da Câmara de Vagos, a quem, sem palavras que lhes possa servir de lenitivo na actual conjuntura, acompanhamos na dôr que os compunge.

UMA EXPRESSIVA CARTA DE CONDOLÊNCIAS

A' família do pranteado vaguense tem sido dirigida volumosa correspondência de pêsames, computada em muitas centenas de telegramas, cartas e cartões, vinda de todos os pontos do país. Na impossibilidade de, ao menos, dar a conhecer alguns nomes categorizados a quem não foi indiferente o passamento do dr. Lúcio Vidal, uma carta vamos destacar por nela se ver a confirmação de tudo quanto fica escrito sôbre o indefectível republicano. Subscreve-a o sr. Julio da Costa Pinto, ex-oficial do Exército, demitido por ter sido um dos combatentes contra a República em 1919 e que dêste modo assinala os seus sentimentos:

Lisboa, 1 de Dezembro de 1942.

Acabo de ser surpreendido com a notícia dolorosa da morte do grande homem de bem, do valente, leal e honrado Lúcio Vidal, que eu tive a honra de contar no número dos meus amigos, depois de, em Monsanto, nos termos batido frente a frente. Devo-lhe a vida; e expoz a sua para me salvar! Só as almas superiores teem acções destas!

Há muito que o não via, mas não era preciso. Vivia no meu coração.

A todos V. Ex.as apresento os meus sentidos cumprimentos de sincero pezar pela perda que sofreram. Ao filho, que espero conhecer um dia, só lhe desejo que possa seguir a esteira que deixou na vida essa figura admirável de bondade.

A Deus peço o descanso para a sua alma, por vezes tão torturada; e que lhes dê resignação em conformidade com a sua vontade.

a) Júlio da Costa Pinto

BAILE

Realiza-se àmanhã à noite, na *Sociedade Recreio Artístico*, sendo dedicado às nossas gentis tricaninhas.

E' promovido por uma comissão de sócios, a quem agradecemos o convite que nos foi endereçado, estando contratada para o abrilhantar a orquestra *Os Caladinhos*, desta cidade.

O 1.º DE DEZEMBRO

Decorreram com brilhantismo as comemorações da gloriosa data, que estiveram a cargo da Mocidade Portuguesa, sendo o programa elaborado cumprido integralmente.

A escassez de espaço inibe-nos dum relato mais pormenorizado.

Os amigos do alheio

Continuam a operar na cidade, tendo esta semana tentado uma visita à garage da firma *Trindade, Filhos*, o que não conseguiram por as portas oferecerem resistência e serem presentidos.

No bairro de Sá e imediações da estação do caminho de ferro os *pilha-galinhas* têm feito boa colheita, segundo nos informam.

Recomendamo-los à polícia.

Falta de respeito

Um sócio do *Recreio Artístico* achou extraordinário que no domingo, à hora do entêrro de um dos fundadores daquela casa, se realizasse ali um baile, com a agravante de se conservar a bandeira a meia haste.

Realmente o caso não tem justificação.

Cartas a uma amiga de longe

Dezembro, 1942

Minha querida:

Foi ontem o dia da «Mocidade Portuguesa», organização criada numa hora de nacionalismo enérgico, para, entre outras coisas, incutir à juventude o orgulho patriótico.

Gosto de ver marchar os rapazes, muito garbosos e disciplinados e muito, muitíssimo seria de apreciar que por todo o país, os dirigentes e instrutores incutissem aos filiados entusiásmo. Os dias de exercício deviam ser esperados com ansiedade, pelo muito de agradável e de sádio que nêles proporcionassem aos jóvens legionários.

Mocidade! Significado de alegria, de futuro, de esperança!... A minha fantasia queria vê-la a preparar-se de alma e de corpo para a vida, que por si só é luta árdua. Ver marchar os rapazes, para os acampamentos, onde se faz uma vida sádia e onde se estreitam laços de amizade fraterna e uma franca e amiga camaradagem e onde, ao mesmo tempo, cada um aprende a contar consigo só.

Vê-los passar, *cantando e rindo* em direcção ao futuro, para o qual êles se preparam e que por isso não temem. E já que «querer é a sua divisa», querem que êsse futuro que está na sua frente, seja paz, amor e esperança e um lindo sonho sem pesadêlos. E já que querer é também o *grito das almas felizes*, que êsse grito se repercuta através dos anos e essa felicidade se estenda e acarinhe sempre a *mocidade que passa.*

E' assim que a minha imaginação vê a Mocidade, quando ela marcha, muito garbosa e disciplinada, as bandeiras, berrantes e alegres, na frente.

Que o exemplo de valentia e de heroicidade dos antepassados lhes sirva na altura em que perigue a integridade do território pátrio e o brio nacional.

Nessa altura, sim, é a ocasião de marchar, não para o acampamento, onde se trabalha e onde se brinca, mas para a luta, cheios de confiança e de certeza de vencer.

Um abraço da

Zèmi

Carta de Lisboa

A abertura do Parlamento

Constituiu um acontecimento marcante e do maior relêvo a inauguração solene da III Legislatura da Assembléa Nacional.

Na mensagem que dirigiu ao novo Parlamento do Estado Novo o sr. Presidente da República referiu-se à nossa neutralidade, que não foi adoptada graças a cálculos egoistas, mas antes custando-nos muitos sacrifícios.

E a seguir sublinhou:

E é tão forte a própria consciência universal do bem comum desta neutralidade assegurada à Nação Portuguesa que ainda recentemente tivemos o júbilo nacional de a ver reconhecida e abençoada pela mais alta autoridade moral do mundo, a do Romano Pontífice, e respeitada pelas declarações oficiais de duas das maiores potências envolvidas no conflito: a Inglaterra — à qual nos ligam os laços de uma estreita e velha aliança — e os Estados Unidos da América, com os quais as nossas relações foram sempre amigas e cordiais.

Nestas palavras está, em verdade, posto em relêvo o valor da nossa neutralidade que se ergue ainda como uma defesa da Paz e dos princípios da Civilização Cristã e nunca como uma atitude de comodidade.

De resto, como muito bem o acentuou o sr. General Carmona, todos os povos beligerantes e neutrais têm reconhecido o nosso esfôrço, a lisura da nossa atitude, o valor da nossa Paz.

Não tem sido sem sacrifícios que tal temos conseguido. Mas o mundo que nos espreita, entende, compreende o valor duma atitude que a-pesar de tudo não tem sido nem das mais fáceis, nem das isentas de dificuldades.

Acção necessária

A acção desenvolvida pelo Govêrno no sentido de defender a economia nacional tanto quanto possível dos efeitos da guerra, tem sido alvo dos maiores e mais merecidos aplausos.

Ainda há pouco a criação dos postos de venda de peixe na capital vieram, mais uma vez, pôr à prova o muito interêsse que as autoridades têm em defender o público da ganância desmedida de certos negociantes sem escrúpulos.

Assim, porém, o público saiba entender a átitude do Govêrno e ajudá-lo tanto quanto caiba em suas fôrças.

CORDEIRO GOMES

HOMENAGEM A SALAZAR

O Centro Escolar n.º 2 da Mocidade Portuguesa do Liceu de José Estêvão, homenageou, no último sábado, o Chefe do Govêrno, descerrando o seu retrato durante uma sessão solene em que usaram da palavra o sr. dr. José Gomes Bento e o académico Manuel Serrão.

A cerimónia realizou-se de manhã, depois da concentração dos filiados daquêle organismo.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as sr.as D. Maria Ferreira Gamelas Santana, D. Edmea Gomes Craveiro, D. Maria Júlia Seabra de Oliveira e D. Maria da Conceição Pitarma, esposas, respectivamente, dos srs. tenente Manuel Nogueira Santana, residente em Macieira de Cambra; dr. Eduardo Vaz Craveiro, médico em Ilhavo; Virgílio de Sousa Oliveira, das caves do Barrocão e Joaquim Marques Pitarma, industrial de panificação em Lisboa; e o sr. João Vieira da Cunha, da Livraria Universal; *àmanhã, a menina Rosa da Apresentação Santos, filha do sr. Luís Lopes dos Santos e os srs. António Ferreira da Fonseca, António Ferreira Pais e Américo Crêspo, 2.º oficial de Finanças; no dia 8, a sr.ª D. Conceição Maria dos Anjos, da* Casa dos Ovos Moles; *o sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal e o inocente José Gil, filho do sr. Américo Carvalho da Silva; em 10, a interessante Maria do Carmo Vieira, filha do sr. José Vieira, e em 11, a menina Maria de Melo Mendonça e o sr. tenente Abel António Nogueira, tesoureiro do regimento de Infantaria 10.*

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. dr. Manuel Seabra Ferreira, médico em Sangalhos; António Augusto Martins, empregado na filial da Vacuum Oil Company de Coimbra; Celestino Neto, aspirante de Finanças em Castelo de Paiva; Manuel Dias dos Santos, nosso antigo assinante de Requeixo e Alberto Couto, chefe da Caixa Geral de Depósitos de Oliveira de Azemeis.

—Partiu para o Porto, onde fixou residência, a família do nosso malogrado amigo António Henriques Máximo Júnior.

Doentes

Em Macieira de Cambra tem continuado a acentuar-se as melhoras do nosso conterrâneo e amigo José Laranjeira Marques, que ali continuará até se restabelecer por completo.

O seu aspecto é magnífico o que é um ótimo sintoma.

BOMBEIROS

Passou na segunda-feira o 34.º aniversário da fundação da Companhia Voluntária S. P. Guilherme Gomes Fernandes, que comemorará a data com uma romagem que àmanhã realiza aos cemitérios, onde serão depostas flôres nas campas de todos os elementos que fizeram parte dos corpos activo e auxiliar da corporação e bem assim nas daqueles que foram seus beneméritos.

A Companhia convida, por êste meio, todos os seus associados e o público em geral a tomar parte nessa manifestação de sentimento, que está marcada para as 10 horas da manhã.

No cortejo, que se formará no largo fronteiro ao quartel, incorporar-se-á a respectiva banda de música.

O Democrata, saüdando os valorosos *soldados do fogo* pelo seu novo aniversário, associa-se à homenagem que vão prestar aos seus mortos.

Além túmulo

Manes Nogueira

Faz hoje um ano que a vida se lhe extinguiu.

Pertenceu ao número dos antigos republicanos de Aveiro e nessa qualidade auxiliou a fundação do *Democrata*, que por isso o não esquece.

Correspondências

Verdemilho, 3

Festejou, domingo, o 7.º aniversário da sua fundação o Club da nossa terra que aproveitou o ensejo para homenagear a memória do saüdoso Abel Costa, que tantos serviços lhe prestou.

As comemorações principiaram por uma sessão solene a que presidiu o sr. Manuel Simões Maia do Miguel, secretariado por João Neves e Manuel Bartolomeu Ramos, tendo usado da palavra o srs. professor Manuel Estudante e major António Lebre, que se referiram ao aniversário da casa, enaltecendo quantos têm contribuido para o seu progresso, colocando no primeiro plano o homenageado do dia—Abel Costa. Por último falou também o presidente da mesa que depois de historiar a forma como foi fundada a colectividade, teve, igualmente, palavras de merecido e justo apreço para êsse prestimoso aveirense que tanto se distinguiu como amador dramático.

Ao terminar a sessão foi inaugurado o retrato da comissão instaladora, que se achava envolto numa bandeira nacional, tendo procedido ao seu descerramento o académico Armando Neves. Nessa fotografia vêem-se os sócios fundadores Maia do Miguel, Manuel Marques da Silva, João Francisco das Neves, Abel Costa, Joaquim Ferreira Jorge, Manuel Inácio Correia, António Bartolomeu Ramos e Paulo dos Santos Marabuto.

Em seguida efectuou-se a romagem à campa de Abel Costa, no cemitério do Outeirinho, sendo aquela coberta de flores. Depois foi observado um minuto de silêncio, que traduziu o sentimento de quantos àquêle campo sagrado foram no cumprimento dum dever de gratidão para com a sua memória.

Entre a assistência, que tomou parte naquelas cerimónias, via-se uma filha do homenageado — Maria da Apresentação Costa — que se fazia acompanhar do marido, o mestre de obras sr. Leandro Nunes da Maia, e o sr. Acácio Rosa, íntimo amigo do extinto.

A' noite teve lugar na sede do *Verdemilho Club* um atraente baile, que decorreu animado e com que fechou o programa das festas comemorativas do aniversário da florescente agremiação, à qual dirigimos saüdações.

P.

Costa do Valado, 3

Faz anos no sábado, a sr.ª D. Maria de Oliveira Carvalho Maio, esposa do nosso amigo Abílio Figueira Maio.

As nossas felicitações.

—A gatunagem anda por aqui desenfreada, pois além de galinhas e coelhos que têm furtado das capoeiras, penetrou uma destas noites, na escola do sexo feminino, donde levou alguns objectos e o dinheiro da Caixa Escolar.

—Consorciou-se com a filha Regina do sr. Manuel do Pranto, com oficina de serralharia no Ramal, o sr. António Simões de Oliveira, filho do lavrador sr. Alexandre Pedra.

Felicidades.

—Chegou dos Açores, de licença, o soldado Manuel Peralta, filho do caldeireiro sr. António Peralta.

E' portador de uma toalha de seda para o altar da Senhora dos Remédios, oferecida pelos expedicionários da freguesia da Oliveirinha.

—Por ordem da Administração Geral dos Correios, a distribuição de correspondência é feita desde o princípio do mês e durante a estação do inverno, às 9 horas, ficando a do comboio-correio n.º 18 para o dia seguinte. *O Democrata*, por isso, passa a ser distribuido às segundas-feiras até Março, a não ser que o procurem na estação aos sábados de tarde ou no domingo de manhã.

C.

A' MARGEM DA GUERRA

AS MANOBRAS DE TREINO DOS COMANDOS INGLESES

Comarca de Aveiro

Anúncio

Por sentença de 9 do corrente mês de Novembro, que transitou em julgado, foi decretado o divórcio definitivo entre os conjuges António Ferreira de Andrade, alfaiate, e sua mulher Maria do Céu Baptista de Sousa, creada de servir, ambos desta cidade de Aveiro, na acção de divórcio com benefício de Assistência Judiciária que aquela moveu contra êste.

Aveiro, 23 de Novembro de 1942.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção
Júlio Homem de Carvalho Cristo

Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis

—o—

A Câmara Municipal do concelho de Oliveira de Azemeis faz público que, em virtude da deliberação tomada na sua reünião ordinária de 19 do corrente mês e nos termos do artigo 463.º do Código Administrativo, se acha aberto concurso de promoção pelo espaço de trinta dias, contados da segunda e última publicação dêste anúncio no *Diário do Govêrno*, para um lugar de aspirante do quadro privativo da secretaria desta Câmara, com o vencimento anual liquido de 8.400$00, vago pela aposentação do respectivo serventuário.

Os concorrentes deverão apresentar na Secretaria da Câmara, dentro do referido prazo, os seus requerimentos, instruidos nos termos legais.

Secretaria da Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis, 21 de Novembro de 1942.

O Presidente da Câmara Municipal
Alfredo Fernandes Andrade

Comando Militar de Aveiro

Convocação

Nos termos do art.º 30.º dos Estatutos da Cooperativa da Guarnição Militar de Aveiro, convoco a Assembleia Geral Ordinária desta Cooperativa a reünir no próximo dia 10 do corrente, pelas 15 horas, na Sala dos Srs. Oficiais do Regimento de Cavalaria n.º 5, para eleição dos corpos gerentes do ano de 1943.

Caso não reüna número legal de sócios fica a reünião da mesma Assembleia Geral tranferida para o dia 12, à mesma hora, no mesmo local e para o mesmo fim.

Comando Militar de Aveiro, 3 de Dezembro de 1942.

O Comandante,
Manuel Rodrigues Leite
Coronel

Atenção para a 4.ª página

Visitai o Parque da Cidade

NECROLOGIA

Após doloroso sofrimento, finou-se, no último sábado, com 73 anos de idade, o antigo industrial de alfaiataria, sr. Albano da Costa Pereira, que à data de caír à cama, doente, fazia serviço como fiscal no matadouro da cidade.

Possuindo predicados que lhe grangearam grande número de amigos, o extinto, que se revelou, no seu tempo, como profissional competente, foi também elemento de certo valor no meio associativo, pois muito se esforçou, em 1896, para a fundação da *Sociedade Recreio Artístico* à qual prestou, depois, bons serviços nas várias direcções de que fez parte.

O seu entêrro realizou-se domingo de tarde, da sua residência, Largo Luís de Camões, para o cemitério central, com grande acompanhamento. A cobrir a urna as bandeiras do *Recreio* e da A. H. dos Bombeiros Voluntários, que se fizeram representar, e a chave conduzia-a o sr. dr. Francisco Soares, presidente da Câmara, que se incorporara com alguns funcionários do município.

O extinto, que há anos enviuvara, era pai das sr.as D. Benedita Pereira de Oliveira, D. Inês Pereira e D. Elvira Pereira e do nosso amigo Albano Henriques Pereira, e sogro do sr. Pompeu da Costa Pereira Júnior.

A todos apresentamos condolências, extensivas à restante família enlutada.

* * *

No bairro piscatório acabou os seus dias, sucumbindo aos estragos duma grave enfermidade, o sr. Pedro Soares, que também teve um entêrro bastante concorrido.

Pertencendo a uma família de artistas que muito se têm evidenciado no nosso meio, o extinto contava agora 77 anos, deixando viuva e três filhas, uma das quais a sr.a D. Maria da Encarnação Soares, professora oficial e esposa do nosso amigo Amadeu Rodrigues da Paula, viajante duma drogaria do Porto.

A tôda a numerosa família, sem excluir os irmãos do finado, os nossos sentimentos.

* * *

Na Pocariça deixou, igualmente, de existir a sr.a D. Maria Evangelina Calisto Moreira, esposa do sr. Visconde da Corujeira.

A sua morte, aos 76 anos, foi deveras sentida.

A' ilustre família, mas nomeadamente ao sr. Visconde da Corujeira e a seus dois filhos, srs. drs. Fernando Moreira e José Reinaldo Calisto Moreira, conservadores do Registo Civil respectivamente nesta cidade e em Vagos, aqui deixamos exaradas as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Joana Martins Marques, de 69 anos, casada com o sr. Herculano Marques e mãi do sr. João Marques, agente da P. S. P.; Florinda de Jesus Santos, viuva, de 60 e António Rodrigues de Azevedo, viuvo, de 73; na *Preza*, Maria Josefa de Jesus, viuva, de 78 e no *Bonsucesso*, António dos Santos Bartolomeu, viuvo, de 73.

Secção Desportiva

Foot-ball

Beira-Mar 1 — Sanjoanense 5

O encontro realizado, domingo, em S. João da Madeira, entre o *Beira-Mar* e o *Sanjoanense* redundou em desastre para os aveirenses que sofreram nova derrota, o que para nós não constituiu surpreza.

A bola que o *Beira-Mar* marcou foi introduzida por Loura, na segunda parte.

* * *

Também no dia 1.º de Dezembro o *Vista Alegre* bateu o *team* local, no Estádio Mário Duarte, por 3-1.

Paciência...

* * *

Ámanhã vem aqui jogar o *Lamas* que alinhará com o *Beira-Mar* às 14,45 h.

A.